

Anno 2.º 2.ª Serie — N.º 47

Semanario de Caricaturas

EDITOR
Illydio Analyde da Costa

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa da Trindade, 12, 2.ª

LITHOGRAPHIA MATTA
Rua da Magdalena

Marselheza

Caricaturas de
CHICO LISBOA

Desenhos de
TRINDADE CORREIA

LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1898

DREYFUS



A *Marselheza* inicia hoje a galeria dos homens da questão Dreyfus. Propagada pelo Sentimento e justificada pela Justiça, a campanha promovida em favor do condemnado de Cayenna, depois de se generalisar e attingir, na França, o caracter d'um problema politico e social, universalisou-se a todo o mundo, interessado por essa causa de libertação onde vão incluídos o seu instinto de progresso e o seu ideal de humanidade. Ha um anno que dura a lucta: a discussão, o conflicto, a campanha, e desde o seu principio que, perante essa admiravel reivindicación, se abriam todas as fronteiras, e da Europa á America correu um largo estremeamento.

Esta campanha demolidora não deixa, porém, sempre, qualquer que seja o impulso transbordante da sua expansibilidade, de ser, na essencia, o litigio d'uma rehabilitação individual. Aproveitou-se o ensejo para dar batalha á Iniquidade social. Muito embora! Esse ensejo, esse nome, esse pretexto, se assim o quizerem, não representam uma formula apenas. Está dentro d'elle um homem, uma alma, um espirito, e se é grande o pensamento de regenerar uma sociedade, não é menos admiravel a intenção de restituir um innocente ao lar da sua familia, d'onde elle foi arrancado para expiar os crimes d'um outro e manter a estabilidade d'uma casta.

Portanto, ajuda e sempre, é de Dreyfus que se trata. Nesta destruição de preconceitos de raça, de predomínio de classes, de convenções nacionalistas, de infalibilidades sociais, e de regressões historicas, — o extraordinario, o abençoado movimento reivindicador que se está ope-

rando em França tem, como seu primeiro acto, a missão de entregar Dreyfus aos braços da sua esposa, essa mulher de tão sublime simplicidade no dever, que foi a companheira da sua vida e é agora a unica interlocutora da sua alma.

A revisão vae fazer-se. Se os tribunaes a não quizessem realizar, a França inteira a faria, — como disse outro dia Jaures. Mas porque foi Dreyfus escolhido como victima, e que ha na sua vida que justifique o seu supplicio?

Muito novo, dotado d'uma imaginação viva e ardente, o capitão Dreyfus era talvez um dos officaes do exercito francez mais vivamente empenhados, do coração, na *rénache* e na supremacia da França. Este judeu é um alsaciano. A sua familia é uma familia de patriotas francezes. Alfredo Dreyfus entrou no exercito, animado d'esse espirito de revindicta nacional que é a propria alma da Alsacia transmittida aos peitos de seus filhos. Numa d'essas cartas a sua mulher que são outras tantas paginas de dor que é impossivel simular, Dreyfus recorda scenas de tumulação e de revolta contra o oppressor. Um dia, em Meyence, a musica d'um regimento allemão passa, debaixo das janellas da sua casa, tocando um hymno commemorativo da tragedia de Sedan. Dreyfus rasga o fato de desespero.

Rico, intelligente, activo, possuido d'uma tenazra louca pela sua patria, com o pensamento fixo da reconquista, Dreyfus estuda, consagra-se ao exame dos melhores aperfeiçoamentos na sua arma. Procura, assim,

mos o pagamento da sua assignatura para a nova serie.

A HESPANHA E A FRANÇA



O que é a perda d'uma nacionalidade para uma e o que vale a liberdade d'um homem para a outra.

contribuir pela sua parte, tanto quanto possível, para que o exercito francez adquira uma superioridade effectiva. Fora da sua existencia profissional, Dreyfus é modelo de qualidades particulares. E' feliz e amado, e paga a felicidade e o amor, como marido e como pae, com todos os extremos de que é susceptivel um coração e com a observancia de todos os deveres que a consciencia impõe. Mas um dia é encorporado no Estado Maior, e então começa a sua verdadeira historia, a da sua fatalidade e do seu soffrimento.

Esta historia está já na memoria de todos. Um dia appareceu no ministerio da guerra a prova d'uma traição. E' o caso do *bordereau*. Quem o escreveu? Não se sabe. Durante seis mezes, caminha-se de incerteza em incerteza. Mas as investigações são entregues a Paty de Clam, hoje o cumplice averiguado de Esterhazy, e, no fim de dois dias, esse Rocamboles complicado de Torquemada designa Dreyfus como auctor do *bordereau*.

A prisão de Dreyfus é uma cilada. Chamam-o ao ministerio da guerra e mandam-o para o Cherche-Midi. Ahí, no segredo, não pôde fallar a ninguém, escrever a ninguém. Ao mesmo tempo, Paty de Clam procura intimidar madame Dreyfus. O que o miseravel quer, pela astucia ou pela força, é promover um desfalecimento que elle interprete como uma confissão. Mas não o consegue. Todavia, no conselho de guerra, Dreyfus é condemnado a deportação perpetua, com prisão, não pelo *bordereau*, mas pela apresentação d'uma peça secreta que lhe não foi communicada e de que elle não ponde defender-se. O Estado Maior viera em auxilio de Paty de Clam. De resto, esse documento não tem valor algum. Entretanto, serviu para que se commettesse o que o dr. Demange chamou a maior in-

famia d'este seculo.

A seguir dá-se a scena tragica e revoltante da exaustoração. Como não morreu Dreyfus n'esse dia? Só uma grande fé e um grande amor o salvaram, como elle diz. Passado pouco tempo, o condemnado era levado para a Guyana.

Na ilha do Diabo, vigiado, de noite e dia, por doze guardas, que têm ordem de o matar á mais pequena suspeita de evasão, e que são obrigados a não lhe dirigir nunca a palavra, com o horizonte tapado por uma grande parede, construida para o não deixar ver o mar, o que é um requinte de inquisidores, mettido, á noite, n'uma gaiola de ferro, onde dorme algemado,—em quatro annos d'esta horrivel vida, o capitão Dreyfus não desanima. Sim, este francez victimado pela patria que tanto amara, este homem de cabeça rapada, este galeriano, só possuidor na terra d'um numero e d'uma grilheta, jámais cessou de reivindicar a sua innocencia e nunca deixou de esperar, com uma confiança que é um assombro, a hora da justiça. E a sua fraca voz, perdida atravez do oceano; reclamou, protestou, exigiu,—e foi ouvida. Ainda hoje Dreyfus não sabe um só pormenor da revolução que os mais bellos espiritos d'este seculo iniciaram e que está a ponto de triumphar definitivamente. Elle não pôde abençoar o nome de Zola! Elle não sabe que pensam n'elle todos os que pretendem attenuar, senão eliminar o soffrimento humano, e que o universo inteiro das almas marcha para a destruição d'uma Bastilha, que é a sua. E no entanto, espera, e confia sempre,—o forçado sobre quem pesa uma sociedade inteira.—Que pôde haver n'este mundo de mais admiravel e commovente do que esta sobrehumana confiança na Justiça e na Verdade?

● Baptismo de Sebastião



Lá fóra: polvora

M.^o Sorghé atirou-lhe uma douche de champagne a ver se a efferescencia do precioso vinho faria reacender a chamma extincta. Nada conseguiu e d'aquí pedimos á gentili congressista que não bala mais no ex-feroz socialista.

On n'insulte jamais un Sebastião qui tombe.



Cara do Sr. José Lucio quando lhe disseram que estivera por um triz a igualar-se perante a historia a Canovas, Carnot, etc.



Cara do mesmo Sr. ao saber que não estivera para se igualar a Canovaz nem a Carnot, mas sim a uma pileca do Pinhalho.



Cá dentro: capilé



Um congressista com a sua bagagem



Apresentamos ao respeitavel publico o croquis de M.^o Maurice Gaudolf, que de cabelleira de *cua* e colarinhos de *ida e volta*, nos impingiu uma d'estas massadas como ha muito nos não lembramos de abiszoitar pela proa na Sociedade de Geographia.

Julgamos em começo que sua Ex.^a iria falar de si, que á julgar por fóra, deve ser um artigo curioso lá por dentro — Falkou de Alfonse Daudet enja historia nós todos conhecemos desde o tempo do *fado de 33*. — Pois meu amigo, se não sabe mais do que isso está despedido.

Em compensação ouvimos: M.^o Chiesi e M.^o Chiesi



dois jornalistas distinctos denodados defensores do quarto estado social e que nos encantaram e enthusiasmaram por vezes com a sua palavra quente e arrebatadora.

Um bravo a esses valentes defensores dos opprimidos.